

A EPISTEMOLOGIA DA CIÊNCIA NA COMPREENSÃO DOS LICENCIANDOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**Verônica Klepka
Maria Júlia Corazza
Rosangela Xavier Fujii
Beatriz Cordioli Pereira**

Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática. Av. Colombo, nº 5790, Maringá (PR), CEP: 87020-900.
e-mail: veronicaklepka@gmail.com

A epistemologia tem como problema a relação do sujeito e sua ação sobre o objeto, considerando como o faz e porque o faz e, ainda, seu contexto. No entanto, a graduação muitas vezes repassa significados acabados sobre esta disciplina. Com isso, os professores formados tendem a ser meros reprodutores de conteúdos científicos. A presente pesquisa buscou conhecer o significado dado à epistemologia pelos licenciandos do curso de Ciências Biológicas. A pesquisa foi realizada com 16 sujeitos em uma Universidade Estadual do Noroeste do Paraná, entre o 2º e 4ª ano do curso. Os dados, coletados mediante questionário estruturado, foram submetidos à análise de conteúdo. Quatro categorias foram obtidas, contemplando a compreensão do conceito, o reconhecimento de epistemólogos da ciência, seus nomes e suas contribuições para a ciência. Observou-se que a compreensão da epistemologia da ciência restringia-se ao “*estudo do conhecimento*” “*estudo da ciência*”. Não se observou claramente o conhecimento sobre a contribuição de pensadores. Ora trocavam-se os conceitos, ora misturavam-se explicações. Torna-se necessário um trabalho mais reflexivo, buscando traçar aspectos filosóficos da construção epistemológica.

Apoio: CAPES



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

ROBERT HOOKE: REDESCOBRINDO A CORTIÇA

Verônica Klepka
Maria Júlia Corazza

Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática. Av. Colombo, nº 5790, Maringá (PR), CEP: 87020-900.
e-mail: veronicaklepka@gmail.com

Robert Hooke é considerado um precursor quando se fala de observações sobre células. Mas por que Hooke teria utilizado a cortiça? Questões em torno desta temática não são evidenciadas quando o conhecimento de células é apresentado em alguns livros didáticos. A ausência de aprofundamento no tema fomentou a necessidade de estudos sobre este episódio histórico. Desse modo, a presente pesquisa teve como fonte primária, a obra original *Micrographia: or some physiological descriptions of minute bodies made by magnifying glasses with observations and inquiries there upon* de Robert Hooke (1665), mais especificamente a observação XVIII *Of the schematisme or texture of cork, and of the cells and pores of some other such frothy bodies*. Na reunião da Sociedade, realizada no dia 8 de abril de 1663, Hooke havia recebido ordens para que fizesse experiências com o objetivo mostrar corpos que aprisionavam o ar. Por esse motivo Hooke possivelmente procurou materiais que representassem essas características, como foi o caso dos corpos citados na sua observação original: a pedra pomes, a pena da ave, a espuma, além da própria cortiça por ele estudada. Interpretou-se que o que possibilitou Hooke chegar a observar as células vegetais foi o interesse da Royal Society nas propriedades do ar.

Apoio: CAPES



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

ANÁLISE DO TEMA “ARTRÓPODES” EM DOIS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA PARA ENSINO MÉDIO

**Beatriz Akemi Mizoguchi
Claudia Aparecida Barbosa
Mayra Tiemi Tanaka Kussano
Dulcinéia Ester Pagani Gianotto**

Universidade Estadual de Maringá/DBI. Av. Colombo, n. 5790, Maringá (PR), CEP:
87020-900. e-mail: biamizoguchi@hotmail.com

O livro didático, no ensino de Biologia, tem grande importância na seleção dos conteúdos a serem trabalhados, na organização de planos de aulas, e, em muitas escolas, já se constitui no principal referencial para o trabalho em sala de aula. Desta forma, é necessário o desenvolvimento de pesquisas sobre seu uso e sobre o atendimento às mínimas qualidades e obrigações exigidas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Foram analisados 2 livros didáticos de Biologia do 2º ano do Ensino Médio, “Biologia Hoje (Vol. 2)” (LINHARES e GEWANDSZNAJDER, 2011), e “Biologia (Vol. 2)” (AMABIS e MARTHO, 2010). O conteúdo analisado foi o da área de artrópodes, seguindo o roteiro de análise de Vasconcelos e Souto (2003), no qual os critérios fundamentaram-se em aspectos pedagógicos e metodológicos, de acordo com os eixos temáticos: (i) conteúdo teórico, (ii) recursos visuais, (iii) atividades propostas e (iv) recursos adicionais. Segundo a análise, ambos os livros apresentaram-se completos e atuais em relação aos itens (i) e (ii), pois seus textos são claros e proporcionam uma fácil compreensão por parte dos alunos, e as imagens que os acompanham são pertinentes ao conteúdo, auxiliando na fixação de conceitos científicos. Porém, observou-se que os dois livros analisados carecem de atividades complementares e recursos adicionais, como guia de experimentos, que facilitariam a contextualização do assunto discutido. Assim, neste trabalho, observou-se que os dois livros analisados servem como uma boa base para guiar o professor e o aluno dentro da sala de aula, entretanto, são incompletos em relação a atividades/recursos que aproximam o conhecimento científico do cotidiano do aluno. Portanto, destaca-se que é essencial o professor buscar outras estratégias didáticas para complementar suas aulas, como textos complementares, pesquisas na internet, entre outros.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

CONFEÇÃO DE LÂMINAS SEMI-PERMANENTES PARA O ENSINO DE BOTÂNICA

Maellen de Souza
Marco Aurélio de Lara
Naíssa Elvis Martinez Benites
Bruna Gardenal Fina

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Curso de Ciências Biológicas, Laboratório de Botânica, Rua Oscar Trindade de Barros, nº 740, Bairro da Serraria, CEP: 79200-000, Aquidauana (MS). email: marcoaureliio@hotmail.com.

O estudo da anatomia vegetal é fundamental para o ensino de botânica, fornecendo bases para melhor compreensão das características estruturais e morfológicas das plantas, incluindo seu desenvolvimento e evolução. O presente trabalho tem por objetivo a confecção de lâminas semi-permanentes, visando atender demandas práticas e didáticas de cursos de graduação, servindo também de apoio pedagógico para as escolas de ensino fundamental e médio da região de Aquidauana-MS. O trabalho está sendo desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Laboratório de Botânica, pelos alunos do curso Ciências Biológicas. Para realização deste trabalho são utilizadas giletes novas, lâminas, lamínulas, pinças, água acética 1%, água destilada, água sanitária 20% e corantes, sendo que o uso deste último depende do que se quer observar/evidenciar. Para confecção das lâminas são utilizados materiais frescos e cortes a mão livre. Os cortes são analisados em microscópio óptico e, se apresentarem-se bem realizados, faz-se a coloração dos mesmos com corantes específicos e posteriormente o material é fixado usando-se gelatina glicerinada. Até o momento já foram confeccionadas aproximadamente 50 lâminas de diferentes partes (raiz, caule, folha e flor) de diversas plantas da região. Ao término do trabalho espera-se como resultado um rico acervo de lâminas com cortes que possibilitem a visualização de diversas estruturas vegetais tais como: parênquima, xilema, floema, entre outros. A visualização das estruturas conferem ao estudante uma melhor fixação sobre o assunto e o entendimento dos organismos vegetais.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

PRODUÇÃO MULTIMEIOS EM ECOLOGIA: O ÂMBITO VIRTUAL COMO FERRAMENTA DE ACESSO

Jéssica Mendonça Dias¹
Evanilde Benedito²

Universidade Estadual de Maringá, ¹Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, ²Centro de Ciências Biológicas, Departamento de Biologia/Nupélia. Avenida Colombo, nº 5790, CEP: 87020-900, Maringá (PR). e-mail: jessica_dias@rocketmail.com

Meios virtuais didáticos já vêm sendo utilizados em outras áreas de pesquisa como alternativas de aprofundamento de estudos e aprendizagem demandando proximidade com as áreas de tecnologia e comunicação. O diferencial da pesquisa está na multidisciplinaridade, isto é, no elo da Comunicação com adequadas plataformas de mídia e da Ecologia como uma ciência cujos processos científicos precisam ser reobservados, registrados, produzidos e disponibilizados neste ambiente virtual. Com o objetivo de proporcionar acesso aos estudos em ecologia a discentes, docentes e pesquisadores foi criado o site experimental EcoZoo Acervo, ainda em andamento, que disponibiliza materiais de estudo para as grandes áreas de Ecologia, Zoologia e Biologia. Tal produção multimeios em ecologia tem sido construída em cinco fases: elaboração da estrutura do site para postagem de arquivos; organização e seleção de dados de oito DVDs com antigos registros da ampla área de Ecologia; produção de materiais de áudio e vídeo; revisão de resumos de colaboradores e estudantes; e por fim edição e manutenção do sistema didático produzido. O acervo virtual foi produzido através da plataforma Wix de construção de sites dinâmicos. As fotografias e vídeos têm sido executados com uma câmera profissional modelo T2I e uma câmera semiprofissional modelo D60. Todas as imagens passam por edição nos softwares Photoshop e CorelDraw para fotos; e Virtual Dub e Vegas Movie Studio para vídeos. As entrevistas exclusivas em áudio são produzidas com um gravador de microcassete e um celular. O material de áudio é convertido em MP3 para edição digital nos programas Audacity e Sony Sound Forge capazes de aumentar a qualidade do som e possibilitam ainda recortes de trechos, adições de trilhas sonoras e narrações, processos indispensáveis para a elaboração de radiodocumentários.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

ENSINANDO EVOLUÇÃO ATRAVÉS DE MODELOS DIDÁTICOS

Iuri Marin Dassi¹
Leandro Fabrício Fiori¹
Paulo Inada²

¹Acadêmico do Curso de Ciências Biológicas. ² Docente do Departamento de Biologia. Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Biológicas, Departamento de Biologia. Av. Colombo, nº 5790; CEP: 87020-900, Maringá (PR).
e-mail: iuri.mdassi@gmail.com

Neste trabalho objetiva-se apresentar um modelo didático para representar os órgãos homólogos no estudo da evolução. Esse conceito é explorado nos livros didáticos do ensino médio como prova da evolução, comparando as estruturas ósseas do braço humano, nadadeira do golfinho e a asa dos morcego. O modelo elaborado foi aplicado aos licenciandos em Ciências Biológicas do quinto ano noturno, futuros docentes de biologia, visando contribuir no ensino da evolução. Em sala de aula, o modelo permitirá o manuseio e montagem das peças que representam cada estrutura óssea. Os modelos foram elaborados em massa de *biscuit* representando as respectivas partes ósseas, como: ulna, rádio, ossos do carpo, metacarpo e falanges. A montagem das peças foram feitas sobre um tabuleiro em MDF, para servir de guia para as partes ósseas dos animais, permitindo-se a visualização da anatomia comparada. A confecção em *biscuit* se apresentou como um material acessível e de fácil manuseio para a preparação dos modelos. Os resultados alcançados, junto aos acadêmicos, demonstra que o modelo é aplicável em sala de aula, possibilitando interações com a teoria dos livros didáticos e contribui solidamente nas concepções didáticas dos futuros professores para o melhor entendimento dos processos evolutivos.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

ANÁLISE DOS RECURSOS VISUAIS PRESENTES EM LIVROS DE BIOLOGIA PARA O ENSINO MÉDIO

Aline Caroline Magro de Paula
Isabela Previante
Larissa Mozini Reis
Dulcinéia Ester Pagani Gianotto

Universidade Estadual de Maringá/DBI. Av. Colombo, n. 5790, Maringá (PR),
CEP: 87020-900. e-mail: isapreviate@hotmail.com

Apesar de significativos avanços no que concerne a discussão sobre a qualidade dos livros didáticos, uma considerável quantidade de professores ainda não tem acesso a instrumentos para análise destes. Neste contexto, Vasconcelos e Souto (2003) propuseram alguns critérios que podem ser utilizados na escolha do livro didático: conteúdo teórico, recursos visuais, atividades práticas e informações complementares. Considerando o tema Evolução, este trabalho analisa, comparativamente, o valor didático das imagens presentes em dois livros de Biologia para o Ensino Médio - Curso Básico de Biologia de Amabis e Martho (1985) e Biologia Hoje de Sergio Linhares e Fernando Gewandsznajder (2011). Os critérios analisados foram: I. qualidade das ilustrações, II. diagramação, III. veracidade da informação contida na ilustração, IV. possibilidade de contextualização, V. indução a interpretação correta, VI. grau de inovação. O livro Biologia Hoje se mostrou excelente na maioria dos aspectos, exceto no último, pois, apesar de apresentar imagens completas e contextualizadas, estas não são originais quando comparadas aos demais livros, por outro lado, são exacerbadamente comuns. Quanto ao outro livro, observou-se características em comum, a não ser sobre a qualidade das ilustrações e possibilidade de contextualização porque estas não dizem respeito ao texto mais próximo, além de apresentarem falhas em aspectos como cor e nitidez. A partir disto, é possível inferir que o livro dos autores Amabis e Martho (1985) apresenta falhas significativas no quesito recursos visuais, provavelmente por ser antigo, mas é satisfatório com relação ao conteúdo, por exemplo. Sendo assim, é importante ressaltar que o papel dos recursos didáticos não é suficiente para garantir educação de qualidade. O trabalho do professor deve apenas apoiar-se no livro, pois ele é responsável por construir, não somente conhecimento, mas também cidadãos.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

ALIMENTOS ORIGINÁRIOS DAS AMÉRICAS

Vicenta Alvarenga Ferreira
Thaiany Alonso Rodrigues
Dariany Cristina Aristides de Lima
Suelen Martins Gonçalves
Fabiula Aletéia de Souza
Diego Fialho da Silva

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Curso de Ciências Biológicas. Rua Oscar Trindade de Barros, n.º. 740, Bairro Serraria. CEP: 79200-000, Aquidauana (MS).
e-mail: thaiyanalonso@hotmail.com

Muitos são os alimentos originários da América. É quase impossível imaginar hoje um mundo sem batatas, mandioca, tomates, amendoim, pimentões, milho, abacate, abacaxi, cacau e baunilha, por exemplo. Esses produtos são importantíssimos na alimentação mundial e antes do descobrimento das Américas não existiam na Europa e no resto do mundo. Este projeto foi desenvolvido na Escola Estadual Marechal Deodoro da Fonseca, Aquidauana (MS), com turmas de 8º ano A e B e teve por objetivo ampliar o conhecimento dos alunos acerca dos Alimentos Originários das Américas, apresentando seus nomes científicos, tipos de plantas, importância econômica e receitas fáceis que utilizam esses alimentos. Para a realização foi utilizada a sala de Tecnologias e mídias como o computador, internet e projetor Integrado, materiais didáticos como giz, lousa, apagador além de ingredientes para os preparos das receitas. O projeto foi desenvolvido por meio de pesquisa, na sala de tecnologia, dos alimentos selecionados, montagem de slides pelos grupos e apresentação em sala de aula. Para a culminância os alunos trouxeram pratos típicos para serem partilhados pela turma e as receitas preparadas foram postadas no blog da escola. Obteve-se, como resultado, um melhor conhecimento dos alunos sobre o tema estudado e uma valorização dos alimentos que tiveram origem no nosso continente.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA PROFISSÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA DE LICENCIANDOS DE BIOLOGIA

Beatriz Cordioli Pereira
Maria Júlia Corazza
Rosangela Xavier Fujii
Verônica Klepka

Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática. Av. Colombo, nº 5790, Maringá (PR),
CEP: 87020-900. e-mail: beatrizcordioli@gmail.com

O termo Representações Sociais foi introduzido por Moscovici em 1961, na França, e hoje se encontra vários estudos nas áreas da saúde, educação, economia entre outros. Campos (2003) considera a representação um conhecimento determinante no modo como os indivíduos reagem e decorrem à realidade, sempre acarretada de cargas afetivas. Nesse sentido, os licenciandos constroem valores e atitudes por meio de sua convivência na formação superior até efetivarem sua atuação. Em suas interações cotidianas, os futuros professores produzem e reproduzem representações sobre o fazer pedagógico e a profissão docente, que contribuem para a formação de sua identidade. Refletindo esses aspectos, a presente pesquisa buscou conhecer as representações sociais da profissão docente, de 16 licenciandos do curso de Ciências Biológicas de uma Universidade Estadual do Noroeste do Paraná cursando entre o 2º e 4º ano. Os discursos foram coletados mediante questionário semi-estruturado e foram submetidos à análise de conteúdo para extrair as unidades de significação. A partir da análise dos dados, se observou que os alunos representam o professor como um sujeito que faz a diferença na vida dos seus alunos, transformando e aprimorando as relações de ensino, através da utilização de métodos, instrumentos e técnicas de ensino-aprendizagem. Consequentemente, o professor precisa estar constantemente aprimorando o seu conhecimento técnico e pedagógico para avaliar sua atuação em sala de aula. Além disso, os alunos destacaram a importância do professor como agente transformador da qualidade do ensino. Estas reflexões correspondem à importância apontada aos saberes necessários para a profissão, já incorporada em seus discursos.

Apoio: CAPES



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

SIMETRIA NA BIOLOGIA: A NECESSIDADE PARA FORMAS RELEVANTES DE VIDA

**Denise Godoi Ribeiro Sanches
Beatriz Cordioli Pereira**

Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática. Av. Colombo, nº 5790, Maringá (PR), CEP: 87020-900.
e-mail: denisegrsanches@gmail.com

A simetria recebe várias definições, de acordo com Rohde (19823), simetria é a propriedade pela qual um ente, objeto ou forma exibe partes correspondentes quando submetida a uma operação específica. Para a maioria dos indivíduos, a noção de simetria está associada mais a pensamentos matemáticos do que na biologia e na arte. Essa discussão se faz necessária, uma vez que a simetria é utilizada em diversas vertentes do conhecimento, seja na matemática, na arte, na física, na biologia, na tecnologia dentre outras áreas. A pesquisa teve como objetivo identificar os tipos de simetria na biologia e destacar a sua relevância para o estudo da biologia, fundamentando-se nas obras de Rodhe (1997), Barbosa (1993) e Bellincanta (2011). Encontraram-se vários tipos de simetria na natureza como: simetria radial, que é gerada pela rotação com base num ponto fixo central; simetria bilateral quando o corpo dividido por um plano imaginário, possuindo duas metades semelhantes entre si; simetria esférica quando qualquer plano que passe através do animal o divide em duas partes iguais; e os assimétricos são animais que não “mostram” simetria como, as amebas. Essas simetrias revelam um aspecto de fundamental importância, de modo que a compreensão da simetria existente nos seres vivos representa o entendimento do resultado de um processo histórico de evolução, sendo encontrado no corpo humano, nas asas de um pássaro, nas nadadeiras de um peixe, nas pétalas de uma flor, e, além disso, auxilia na compreensão das conexões existentes entre a biologia, a matemática e arte.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

PROFISSÕES SEXISTAS

Alexandre Luiz Polizel
Naum Neri Santana
Eliane Rose Maio

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Teoria e Prática da Educação. Av. Colombo, n° 5790, CEP: 87020-900, Maringá(PR). e-mail: alexandre_polizel@hotmail.com

No mercado de trabalho a caracterização de papéis como justificativa para divisão sexual do trabalho mostra-se presente. Uma importante e fundamental ferramenta para a desmistificação de diferenças e quebras de estereótipos sexistas são as contribuições da prática docente, visto que trabalha na construção do conhecimento científico do aluno. O presente trabalho buscou então compreender a dinâmica da divisão sexista do trabalho, e a relação destes aos cursos de educação. Para isto aplicou-se questionários semiestruturados para dezesseis alunos/as do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Maringá, todos cisgêneros. Estes correlacionaram profissões para: homens, mulheres, homossexuais e transgêneros. Para os homens foram relacionadas dezoito profissões: cinco requeriam ensino superior (uma associada educação) e oito aos serviços braçais, sendo pedreiro a mais citada (n=12). Para mulheres citaram quinze profissões: nove relacionadas a cuidados (estéticos, de saúde ou domésticos), duas a ensino e cinco necessitavam de ensino superior, a ocupação mais lembrada foi doméstica (n=7). À homossexuais relatam-se nove profissões: cinco estéticas, duas artísticas, um dos mencionados requer ensino superior na área de ensino, cabeleireiro foi o ofício mais referido por doze pessoas. Transexuais tiveram associação com cinco profissões, todas noturnas (exceto a de desempregada/o), a mais mencionada foi a de prostituta (n=8). Tornou-se notória a existência de uma rotulação sexista para as profissões gerada culturalmente, provado pela diversidade apresentada e a padronização das mesmas. A área da educação foi mais relacionada a mulheres e homossexuais (Três referenciais cada), já homens, apenas uma. Foi notória a ausência de mercado para “trans”, sendo mencionadas apenas para profissões noturnas e sendo o único grupo não relacionado à educação.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

IDENTIDADE DE GÊNERO EM ÂMBITO ESCOLAR: DO NOME SOCIAL AO BANHEIRO

**Naum Neri Santana
Alexandre Luiz Polizel
Eliane Rose Maio**

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Teoria e Prática da Educação. Av. Colombo, nº 5790, CEP: 87020-900, Maringá(PR). e-mail: neri.naum@gmail.com

São notórias as dificuldades de transgêneros em âmbito escolar, desde a resposta de chamada até a utilização do sanitário. Às vezes os/as próprios/as docentes demonstram dificuldades de trabalho, devido à falta de instrução sobre o assunto, o que demonstra a necessidade de entender o conhecimento destes/as sobre o assunto. Para isto foram aplicados questionários semiestruturados no qual era simulada uma situação: uma aluna transmulher tinha dificuldades com aceitação de seu nome social e utilização do toalete. Esta situação repassada a dezessete pessoas, todas cisgêneros, sendo destas, um homossexual e uma bissexual, pertencentes ao curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Maringá, localizado em Maringá, Paraná. Todos/as entrevistados sugeriram a utilização do nome social, visando a sua identificação com o nome e ao constrangimento que o nome de batismo lhe causaria, devido à mesma não se ver como mulher, entretanto destes apenas uma pessoa se preocupou com a maneira burocrática e a documentação com o nome social. Quanto ao banheiro foram propostas três alternativas: utilização do banheiro de acordo com a sua identidade de gênero (70,60%), de acordo com seu sexo (23,52%) ou a criação de um terceiro banheiro (5,88%). Os indivíduos que apoiavam o banheiro equivalente à identidade de gênero mostraram-se preocupados como bem estar físico e psicológico da aluna, a utilização do banheiro relacionado ao sexo tendia ao órgão genital, no qual um dos entrevistados citou que: “após a cirurgia de mudança a mesma poderia utilizar o banheiro feminino”, e a criação do terceiro banheiro tem como argumentação a integridade física da aluna.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

DANDO NOMES À SEXUALIDADE

Naum Neri Santana
Alexandre Luiz Polizel
Eliane Rose Maio

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Teoria e Prática da Educação. Av. Colombo, n° 5790, CEP: 87020-900, Maringá(PR). e-mail: neri.naum@gmail.com

O tema sexualidade está perceptivelmente ligado ao ambiente escolar, estando incluso ou não no currículo da instituição. Entretanto, historicamente sempre existiu uma preocupação voltada à expressão sexual, tal preocupação levou a sociedade a utilizar sinônimos que podem ser utilizados como instrumento de agressão. Nesse estudo, objetivou-se realizar um levantamento preliminar de alguns desses sinônimos relacionados à: homossexualidade, heterossexualidade e transgêneros. Dezesete pessoas foram entrevistadas na Universidade Estadual de Maringá. Relacionados ao termo homossexual, apareceram quinze sinônimos pejorativos, apenas um abrange lésbicas, as palavras mais citadas foram: “viado (25,71%), bicha (14,28%), sapatão (8,57%) e boiola (8,57%)”. Quanto às pessoas trans* relacionaram onze palavras, duas pessoas não citaram nenhuma expressão, três palavras mencionam sobre a orientação sexual e as outras oito palavras apenas com travestis, sendo as mais citadas: “traveco (18,51%), travesti (18,51%) e traveção (11,11%)”. Heterossexual, foi representado por doze expressões: cinco pessoas não assimilaram este a nenhum outro desígnio, nove conectam o termo ao sexo masculino com palavras que apresentam de superioridade, e três termos conferem ao sexo feminino de maneira que dois destes eram de inferioridade. Os sinônimos mais apresentados para o termo heterossexual foram: “macho (24%) e machão (16%)”. Analisando os dados, observou-se que ao tratar de homossexuais, “trans” e hetero os mesmos estão mais direcionados ao sexo masculino, visto que poucos são correlacionados a palavras do sexo feminino. Para “homo e trans” são dados apenas sinônimos de inferioridade. Observou-se também que transgêneros estão relacionados a orientação sexual e não a identidade de gênero, como deveriam estar. Heterossexual é algo tão normativo que pessoas não conseguem estabelecer um elo entre tal.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

CONFLITOS A CERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO AMBITO ESCOLAR

Diogo Mazzaro
Carine Mariá Cola
Millena Terezinha Cabral
Nathaly Dessirê Andreoli Chiari
Rodrigo Dambrózio
Silmara Sartoreto de Oliveira

Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Biologia Geral, Rodovia Celso Garcia Cid, PR 445 Km 380, CEP: 86.057-970, Londrina (PR). e-mail: diogomazzaro92@gmail.com

O trabalho em questão foi realizado e elaborado depois de algumas aulas da disciplina Estágio Curricular Supervisionado, ministradas em um colégio estadual situado na periferia do município de Londrina (PR), com uma turma de 7º ano. Adolescentes de escola pública, geralmente, possuem pouco conhecimento sobre Educação Sexual e Saúde. Estes jovens não recebem na família informações que envolvam este assunto, pois os pais acreditam que falar sobre tal assunto ínsita o sexo, empurrando, assim, para a escola e órgãos públicos o dever de instrução sobre o tema. Esses fatores indicam a necessidade de ações educativas sobre Saúde e Sexualidade no início da adolescência, nessas escolas. Com o objetivo de informar e sanar dúvidas relacionadas aos assuntos acima, utilizamos como instrumento de coleta de dados “a caixinha de perguntas” para que uma aula sobre Saúde e Sexualidade fosse ministrada. Porém o método não foi bem recebido pelos pais e supervisores da escola, por acreditarem que os jovens não teriam maturidade suficiente para o assunto. Assim, pudemos ter certeza, por conta da experiência vivida, de que, mesmo na atualidade, o tema “Educação Sexual” e tudo o mais que o envolva, ainda é tabu não só dentro de casa, mas também na própria escola.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

ABORDAGEM DO TEMA “A HERANÇA DOS GRUPOS SANGUÍNEOS HUMANOS” NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO

**Geovani Arnhold Moresco
Maria Julia Mileo Ganassin
Eduardo Vieira Real Gonçalves
Dulcinéia Ester Pagani Gianotto**

Universidade Estadual de Maringá/DBI. Av. Colombo, nº 5790, Maringá (PR),
CEP: 87020-900. e-mail: geovanimoresco@gmail.com

Pesquisas têm demonstrado que o livro didático tem papel determinante na organização curricular e na prática pedagógica dos professores. São materiais didáticos presentes na maioria das escolas e dão suporte ao processo de formação dos cidadãos. Sabendo que o livro didático é peça fundamental no processo de formação dos alunos, o objetivo desse trabalho é analisar, através de um tema escolhido, dois livros didáticos utilizados para o ensino de biologia no terceiro ano do ensino médio. Os livros escolhidos para análise foram “Bio” (Sônia Lopes, 1997) e “Biologia das populações” (Martho e Amabis, 2010). Utilizando a lista de parâmetros proposta por Vasconcelos e Souto (2003) observou-se que com relação ao conteúdo teórico ambos foram classificados como bom/excelente, pois desde a descoberta da herança dos grupos sanguíneos não houve alterações significativas destas informações. Para recursos visuais tanto o livro de Sônia Lopes quanto o livro de Martho e Amabis apresentaram os mesmos tipos de ilustrações, entretanto, no segundo livro estas eram mais didáticas e não induziam a interpretações incorretas, já que este é um exemplar mais recente e possui melhor qualidade gráfica. Na avaliação das atividades propostas e dos recursos adicionais, constatou-se que ambos os livros não propuseram atividades em grupo para o tema exposto, estes trazem apenas questões complementares, além de não apresentarem glossários e guia de experimentos. Com base nas avaliações conclui-se que, para o tema analisado, ambos os livros são completos e, portanto, poderiam ser adotados por docentes do ensino médio. Todavia, é de responsabilidade do professor saber utilizá-lo e complementá-lo quando se fizer necessário, trazendo informações do cotidiano, artigos científicos e descobertas mais recentes.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).

APLICAÇÃO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE BOTÂNICA

Amanda Caroline Covre
Thaís Mendes Rocha

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Biologia, Intervenção Pedagógica no Processo de Ensino e Aprendizagem em Biologia, Av. Colombo, nº 5790, CEP: 87020-900, Maringá (PR). e-mail: thaismendesrocha@hotmail.com

A metodologia de ensino tradicional, baseada em exposições teóricas a partir do conteúdo do livro didático e suas ilustrações, ainda é predominante no ensino de Botânica devido à falta de recursos e ao pouco tempo disponível para ministra-lo. Além disso, a metodologia tradicional tende a comprometer o processo de construção do conhecimento, sua aplicabilidade e conformação, de acordo com o espaço regional e social do aluno. Atividades pedagógicas como elaboração de jogos e práticas fora da sala de aula, como visitas à jardins e conhecimento de técnicas de plantio, apresentam-se como uma diferente forma de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Considerando esses aspectos, esse trabalho teve como objetivo avaliar a validade da complementação dos estudos com a realização de atividades práticas de campo após as atividades teóricas baseadas no conteúdo do livro didático ministrado durante a sequência didática de Botânica no Colégio Estadual Juscelino Kubitschek de Oliveira. Utilizaram-se materiais para confecção de um jogo realizado pelos alunos durante a sequência didática, além de mudas de plantas, as quais foram plantadas pelos alunos com a supervisão dos acadêmicos e professores. A aplicação de atividades práticas e dinâmicas possibilitou melhor assimilação do conhecimento abordado, especialmente porque despertou o interesse dos alunos no aprendizado da Botânica. Por meio do contato prático com os principais grupos de vegetais, as informações apresentadas durante a sequência didática, contemplaram dimensões reais ao processo de ensino e aprendizagem. Além disso, as atividades ao ar livre permitiram aos alunos entender processos fundamentais do meio ambiente, como o comportamento das plantas em relação ao seu meio, o que elas precisam para sobreviver e como elas fazem, além disso, as atividades práticas também favorecem à sensibilização dos alunos para a tomada de consciência em relação à preservação do Meio Ambiente.

Apoio: CAPS, PIBID de Biologia - UEM.



Resumo simples apresentado no
XIV Encontro Maringaense de Biologia e XXVII Semana de Biologia
05 a 09 de agosto de 2013
Maringá (PR).